

Estudantes do 3°ano do ensino médio da Escola Estadual Professora Maria Belém

AMAZÔNIA, UM LABORATÓRIO NATURAL

Barreirinha (AM)



Como aumentar o interesse e a participação dos alunos?

DE ACORDO com o último Censo Escolar, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), 56% das escolas de ensino médio não têm laboratório de ciências. Nessa estatística, enquadra-se justamente a Escola Professora Maria Belém, localizada no município amazonense de Barreirinha.

A ausência dessa estrutura afeta, principalmente, as disciplinas de física, química e biologia. De acordo com relatos dos estudantes, as aulas teóricas, sem uma interface prática, estavam desestimulando o estudo e o aprendizado. Preocupados com essa situação, eles pensaram em uma solução simples, porém extremamente criativa.

COM O OBJETIVO de transpor os livros e dinamizar o tempo de estudo, cinco estudantes se reuniram com o professor de biologia para pensar em uma solução para a falta de laboratório e em atividades práticas na escola. Depois de algumas conversas, surgiu a ideia de elaborar aulas em espaços não formais. E o primeiro "espaço" não poderia ter sido outro: a Floresta Amazônica.

Barreirinha é um pequeno município que está localizado no coração da Amazônia, e os integrantes do projeto decidiram usar essa riqueza como fonte de estudo. Para isso, realizaram reuniões periódicas para pensar em quais conteúdos seriam trabalhados durante as visitas de campo.

Depois de se apropriarem dos temas, organizaram uma turma experimental de 25 estudantes do terceiro ano da escola, que viajaram duas horas de barco até uma comunidade



A floresta é a nossa sala de aula

chamada São Francisco do Paranã do Moura. Lá, dividiram-se em cinco grupos, e um integrante de cada grupo cumpria o papel de monitor.

Durante o dia de visitação, cada grupo ficou responsável pela exposição de um dos temas, que foram divididos em: os tipos de água (clara, branca e preta); os diferentes habitat (várzea e terra firme); as florestas primária e secundária; os aspectos das diversas plantas (briófitas, pteridófitas, gimnospermas e angiospermas) e os tipos de serpentes (venenosas e não venenosas).

O professor contribuiu na solução das dúvidas que foram surgindo, no aprofundamento teórico durante as exposições e, posteriormente, nos debates. Essa experiência transformou a turma e melhorou significativamente a absorção dos conteúdos.



Nossa sala é a Amazônia!

A INICIATIVA fez tanto sucesso que se espalhou pela escola. Professores de diversas disciplinas e estudantes de outros anos decidiram se espelhar nesse primeiro teste para também darem início a aulas em espaços não formais. Com isso, os cinco alunos pioneiros "perderam o controle" do projeto.

Esse é um grande exemplo de como buscar alternativas criativas para um problema por meio de soluções que estão ao alcance de todos. Da falta de um laboratório de ciências, os estudantes descobriram o maior laboratório natural do mundo: a Amazônia.





Incomodados com a falta de aulas práticas, estudantes decidiram utilizar a Amazônia como laboratório natural.

Estudantes viajaram duas horas de barco para a aula experimental em espaço não formal.





Jovens durante atividade na comunidade São Francisco do Paranã do Moura.

3



Estudantes do 2º ano do ensino médio da Escola Estadual Adrião do Vale Nuvens

CÉLULAS MOTIVADORAS: CONECTANDO-SE COM O FUTURO

OND63

dnew;



É possível diminuir a evasão escolar?

O BRASIL possui dois milhões de crianças e jovens fora da escola. Entre adolescentes de 15 a 17 anos, o número é de 1,3 milhão. Esses dados foram revelados pelo Censo Escolar 2018, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) no início deste ano.

Esse era um dos problemas presentes também na escola e que incomodava as estudantes Liliane, Maria e Joana. De acordo com o grupo, somente em 2017, 79 pessoas abandonaram as aulas ao longo do ano, o que poderia ter grandes consequências para o futuro dos jovens.

A PRIMEIRA iniciativa, ainda em 2018, foi o estudo do tema em livros e materiais acadêmicos para entender quais eram os motivos por trás da desistência de um número tão grande de estudantes por todo o país. Constataram, então, que as principais causas propulsoras da evasão estavam relacionadas à vulnerabilidade social, entre uma série de fatores.

Para dialogar com a realidade em que vivem, as jovens foram atrás de alguns colegas em exclusão escolar para escutar os porquês da desistência e descobriram, por exemplo, que havia uma divisão explícita: os meninos sentiam uma pressão social e familiar muito grande para começar a trabalhar, enquanto as meninas deixavam de frequentar a escola, principalmente, quando engravidavam. Além disso, a dificuldade de transporte para chegar à escola era muito grande e afetava a todos.

Entrevistando ex-alunos da escola, que atualmente, estão em universidades ou atuam como profissionais em diversas



Cartas quentes contra o abandono escolar!

áreas, o grupo descobriu também que essas pessoas tinham enfrentado desafios no decorrer dos anos, como falta de estrutura do colégio e de incentivo familiar. As dificuldades eram grandes e impactavam de maneiras diversas todos os alunos.

Depois da fase inicial de pesquisa teórica e empírica, as alunas partiram para as ações. Na escola, promoveram rodas de conversa entre as turmas e organizaram palestras com ampla participação dos estudantes. Também tiveram a ideia de criar as chamadas "Cartas Quentes", que são mensagens escritas pelos próprios alunos e direcionadas aos colegas que estão faltando às aulas.

Sentindo a necessidade de estarem ainda mais próximas desses colegas, as jovens organizaram visitas às casas de alguns alunos, com o apoio do corpo docente, para incentivá-los a retornar à escola.

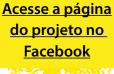


Solidariedade multiplicadora!

 $Dos~79~\text{ESTUDANTES}~\text{evadidos}\,\text{em}\,\text{2017}, o\,\text{n\'umero}\,\text{diminuiu}\,\text{para}\,\text{59}$ em 2018 e despencou para apenas um abandono no primeiro semestre deste ano. O impacto foi muito grande, principalmente porque as integrantes do projeto conseguiram multiplicá-lo entre dezenas de alunos e alunas e criaram grupos de apoio em toda a escola.

Assista ao vídeo de apresentação do projeto

Atualmente, todas as turmas do colégio têm uma "célula motivadora" para que os alunos consigam driblar os problemas estruturais e continuem frequentando as aulas. O projeto tem se expandido e, a partir de convites, as alunas já apresentaram a iniciativa para outros dois colégios da rede pública municipal.





Integrantes espalharam a experiência do projeto por meio de apresentações no colégio e em outras duas escolas do município.







Estudantes promoveram rodas de conversa para entender os motivos do alto número de evasão escolar.

Alunas entrevistaram ex-alunos para entender as dificuldades que eles enfrentaram durante o período escolar.

Estudantes do 5º ano do ensino fundamental ao 2º ano do ensino médio da Escola Municipal Milton Pessoa/ Associações Quilombolas do Livramento e Águas Claras

CONSCIÊNCIA, COR E ARTE



Combatendo o preconceito

APESAR DE A MAIORIA da população brasileira se autodeclarar preta ou parda, práticas racistas ainda são comuns e muitas pessoas têm dificuldade em se reconhecer como negras.

O racismo estrutural existente no Brasil- e que é construído e perpetuado desde os tempos da escravização – manifesta-se também contra as cerca de 3,5 mil comunidades remanescentes de quilombos e seus moradores em todo o país.

Práticas racistas, a negação da identidade e o desconhecimento das origens negras foram justamente o que motivou os professores a provocarem os estudantes com relação às comunidades quilombolas próximas à escola. Apesar de todas as crianças desses territórios frequentarem o colégio, muitas delas não tinham conhecimento do debate racial e da história de luta de suas comunidades.

Por isso, era comum ver práticas que reproduziam o racismo em suas próprias relações interpessoais, apelidando uns aos outros, de forma pejorativa, de "quilombolas", além de proferirem constantemente preconceitos em forma de piadas.

MOTIUADOS e apoiados pelos professores, os estudantes realizaram um questionário com todos os 47 alunos quilombolas da escola, pelo qual constataram que 80% utilizavam de eufemismos para caracterizar sua cor, 52% afirmavam o desejo de alisar o cabelo e 62% não conheciam a história da sua comunidade.

Com esses resultados, organizaram um cronograma com uma série de atividades de valorização da história e da cultura quilombola. As primeiras foram a realização de rodas



Reconhecendo a nossa identidade

de conversa, para que os alunos pudessem compartilhar suas angústias e desejos.

Depois disso, o grupo contou com o apoio dos educadores e com a ajuda de colaboradores para realizar oficinas de dança, desenho e produção audiovisual nas próprias comunidades. Um dos resultados foi a realização de dois curtas-metragens, nos quais aparecem os depoimentos de idosos das comunidades quilombolas contando um pouco da história local.



A nossa festa é negra!

Assista abaixo os curtas-metragens produzidos pelos grupos:

> Vozes de Livramento

Na batida das <u>Águas Claras</u>

O RESULTADO de todo esse trabalho, produzido ao longo do ano de 2018, foi apresentado nas festas da Consciência Negra das duas comunidades quilombolas, realizadas no mês de novembro. De acordo com o grupo, a recepção das comunidades foi muito boa, principalmente dos moradores mais velhos, que se viram pela primeira vez nas telas por meio dos curtas.

Além disso, os estudantes se sentiram fortalecidos e empoderados com sua própria cor e identidade, como mostra o depoimento da aluna Silmara: "antes, eu gueria alisar meu cabelo, me via como morena. Hoje, eu sei quem sou e tenho muito orgulho de ser mulher, negra, quilombola e crespa".



Os resultados das oficinas foram apresentados nas festas da Consciência Negra, que ocorreram no mês de novembro.



Como forma de reconhecimento de suas histórias, estudantes participaram de oficinas de dança, de audiovisual e de desenho.





Livramento", que conta um pouco



Estudantes do 8º ano do ensino fundamental da Escola Maria Emília de Paula

E SE FOSSE COM VOCÊ?

Sapiranga (RS)



É possível combater o feminicídio?

DE ACORDO com levantamento realizado pelo Datafolha, quase cinco milhões de mulheres foram agredidas fisicamente no Brasil em 2018, o que equivale a 536 vítimas por hora. Também no ano passado, segundo o Monitor da Violência, o feminicídio alcançou o número de 1.173, o que corresponde a uma média de mais de três mulheres mortas por dia no país.

Parte desse grave problema social esteve presente no seio familiar de três estudantes do município gaúcho de Sapiranga. De diferentes maneiras, suas avós sofreram violência de gênero e conviveram durante muitos anos com as suas consequências. Para que histórias como essas não passassem despercebidas entre as novas gerações, as adolescentes se perguntaram: "como podemos contribuir para combater o feminicídio?".

O QUESTIONAMENTO acerca do feminicídio foi o mote para as três estudantes começarem uma pesquisa ainda no início de 2018. Debruçaram-se em livros e materiais acadêmicos sobre o tema e apresentaram os resultados na feira de ciências da escola.

Mas concluíram que a resposta para a questão que levantaram estava mais perto do que elas tinham imaginado inicialmente. Após o aprofundamento das pesquisas sobre o problema em âmbito regional e nacional, as alunas avaliaram que a melhor maneira de combater o feminicídio dentro de suas esferas de atuação seria difundindo o debate da igualdade de gênero entre suas colegas.

Para isso, tiveram a ideia de criar o clube feminista "E se fosse com você?". Convidaram as meninas de todas as classes da escola para se juntarem ao momento inaugural do grupo,



A melhor maneira de lutar contra o machismo é fortalecer as minas que contou com debates realizados em três dias. No primeiro dia, com participação de 20 colegas, elas abordaram os principais conceitos da igualdade de gênero e da luta feminista no Brasil. No segundo, contaram com a participação de uma psicóloga, que tratou sobre relacionamentos abusivos e assédio no ambiente escolar. No terceiro, e último dia, receberam uma advogada com grande experiência no tema da violência contra a mulher.

Além das ações relacionadas ao clube, também decidiram compartilhar o debate de gênero com alunas e alunos mais novos. Denominada de "Hora do Conto", a atividade consistiu na leitura de obras infantis como "Frida Kahlo: para meninas e meninos" e "O fusquinha cor-de-rosa" para estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental da própria escola e de outro colégio, localizado no município vizinho de Nova Hartz (RS).



Igualdade é um direito

COMO FORMA de ampliar ainda mais a conscientização sobre o assunto, as jovens buscam agora o apoio da Secretaria Municipal de Educação e da Câmara de Vereadores para a criação de um projeto de lei que ampare e promova a discussão sobre igualdade de gênero e combate à violência contra a mulher nas escolas.

Acesse a página do projeto no Instagram

E as alunas não param! Com a demanda apresentada pelos meninos de também se apropriarem da pauta, elas estão preparando um encontro a partir do material "Eles por Elas", da Organização das Nações Unidas (ONU). O grupo acredita que fortalecer o espaço exclusivo para as garotas é essencial, mas entendem que os garotos são peça-chave no processo e importantes para acabar com o feminicídio.



O grupo organizou três dias de atividades no encontro inaugural do clube feminista da escola.





Estudantes criaram a "Hora do Conto", no qual debatem questão de gênero por meio de livros infantis.

Rio do Antônio (BA)

Estudantes do 9° ano do ensino fundamental do Centro de Educação Municipal Florindo Silveira

FILHOS DO DESERTO: UM RESGATE HISTÓRICO



A memória perdida com as "casas de escravos"

OS SÉCULOS de escravização pelos quais passou o Brasil estruturam ainda hoje não só nossa realidade política, social e econômica, mas também a formação das casas, das cidades e dos territórios em que vivemos. A cerca de 700 quilômetros da capital do estado da Bahia, um grupo de alunas se incomodou com a deterioração das chamadas "casas de escravos" do município de Rio do Antônio (BA).

Mais do que haver residências antigas ou mal conservadas, as jovens se incomodaram com as histórias que estavam se perdendo junto com as paredes e terrenos. Como elas poderiam, então, ajudar a resgatar não só a memória dos locais, mas também de seu passado de dor e de desrespeito? Como essas memórias poderiam ajudar a quebrar os preconceitos ainda existentes nos dias atuais?

CONTANDO com o apoio de professoras da escola, as jovens traçaram uma rota de conhecimento passando pela pesquisa e pelo diálogo com as pessoas do território para desbravar esse universo a ser relembrado.

Em uma das casas visitadas na zona rural da cidade, por exemplo, encontraram, sentiram e registraram a brutalidade marcada naquele ambiente insalubre e cheio de morcegos. Segundo elas, era possível ver marcas do período da escravização da população negra. Para compreender mais, falaram com moradores das vizinhanças e captaram também o saber popular e as histórias que compõem esses espaços.

Ao todo, as estudantes visitaram três casas no município datadas, aproximadamente, dos anos 1820 e que foram, literalmente, "casa grande e senzala". Na imersão, conheceram "lendas de potes de ouro enterrados, espíritos que ainda povoam aquelas paredes, barulhos noturnos de gritos e



Registrando a memória e a cultura de um passado desprezado correntes sendo arrastadas".

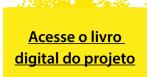
Para dar vazão à riqueza do que estavam conhecendo, as alunas elaboraram os roteiros para as entrevistas, fizeram as gravações e fotografaram as casas com o objetivo de construir um livro digital (e-book) para perpetuar e espalhar as memórias físicas e culturais dos locais. Contaram também com o acervo de imagens do município, com o apoio das educadoras durante todo o processo de escrita e diagramação e com a produção de ilustrações por uma ex-aluna da escola.

De acordo com o grupo, o resgate dessas histórias contribui também para quebrar o racismo presente atualmente no município e superar preconceitos com relação à beleza negra, por exemplo.



Livro digital e rodas pela Consciência Negra

O LIURO DICITAL já está finalizado e disponível em um site produzido com o apoio de uma das professoras. Agora, o grupo planeja a sua divulgação durante as atividades do Dia Nacional da Consciência Negra, 20 de novembro.

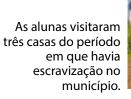


Nessadata, o grupo contará com a presença de lideranças do movimento negro e com roda de conversa que terá a participação de idosos dos bairros com maior população negra na cidade. As meninas esperam, com isso, chamar a atenção do poder público para a necessidade de preservação e de tombamento dos espaços abandonados.



Idosos que moram perto de casas abandonadas contaram histórias às estudantes.









Casas estão degradadas com o tempo a cidade perde patrimônio histórico.



ONDE? Itabira (MG)

dnew;

Estudantes do 7º e 8º anos do ensino fundamental do Colégio Municipal Professora Didi Andrade

FORA DA BOLHA



Superando o adultocentrismo

LM MUNDO marcado pelo adultocentrismo, muitas vezes a voz das crianças e jovens não recebe a devida credibilidade e tampouco é ouvida com atenção. Dentro e fora das salas de aula, estudantes de Itabira sentiam essa realidade e demandavam mais oportunidades para expressar suas opiniões e denunciar práticas de *bullying* e preconceitos que sofriam.

Uma das alunas da escola, por exemplo, procurou a educadora para que ela a apoiasse em um projeto contra a homofobia. A partir daí, mais estudantes foram convidados e muitos outros temas saíram da invisibilidade.

PARA AQUECER as ideias, era necessário abrir diálogos não só com os colegas, mas também com outras pessoas da comunidade escolar. Os estudantes realizaram, então, uma roda de conversa com os professores, funcionários e diretor da escola. Nesse momento, alguns temas foram escolhidos e, a partir daí, levados para as demais turmas do colégio. Em seguida, foram realizadas algumas entrevistas para ouvir colegas que quisessem falar sobre cada um dos assuntos.

Os relatos foram fortes e ficou claro que era necessário trazer à tona os incômodos dos alunos e alunas para que as pessoas pudessem se colocar em seu lugar e "sair de suas bolhas". Exercendo a empatia, o grupo mesclou as diferentes histórias ouvidas sobre cada um dos temas e começou a planejar uma maneira criativa e respeitosa de divulgar seu conteúdo por meio da plataforma de vídeos YouTube.

"Cada vídeo é uma mistura de várias histórias, porque não queríamos interpretar o caso de um só aluno para que ele não se reconhecesse. [Os relatos] mexem muito com o emocional da gente", explica uma das estudantes, citando o conteúdo dos vídeos que abordam o racismo, o abuso, a



Exercendo a empatia em vídeos

violência doméstica, o machismo e a homofobia.

Para a produção, os próprios estudantes, com o apoio dos professores, montaram os cenários, criaram os roteiros e utilizaram seus celulares para a gravação dos depoimentos que eram interpretados. Os educadores auxiliaram o projeto, principalmente no que se referia à necessidade de sigilo, de autorização de imagem e de preservação da identidade dos alunos que compartilharam suas experiências.

No final de cada vídeo, o grupo gravou uma mensagem de conscientização sobre o tema e sobre a necessidade de empatia com as crianças e jovens que vivem situações semelhantes às que foram apresentadas.



Saindo da bolha e se conectando com os estudantes

ENTUSIASMADOS com a realização do projeto, os jovens têm feito reuniões para debaterem os próximos temas dos vídeos e planejam novas rodas de conversa. Os professores, por sua vez, têm abordado as reflexões levantadas pelos estudantes em sala de aula.

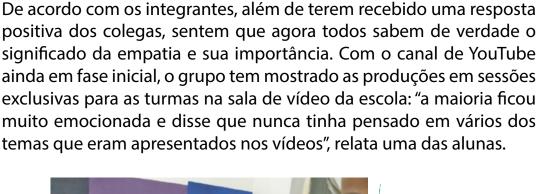
Assista ao vídeo de apresentação do projeto

Vídeo denunciando <u>abuso</u>

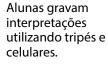
Vídeo denunciando racismo



Roda de conversa sobre o tema do racismo contra as crianças e jovens.











Estudantes durante edição de vídeo gravado com interpretação sobre um dos temas abordados.

São Gonçalo do Amarante (RN)

Estudantes do 3º ano do ensino médio do Centro Estadual de Educação Profissional Doutor Ruy Pereira dos Santos

MISSÃO GALO



Um galo branco no meio da cidade

UMA ESCULTURA de 12 metros de altura de um galo branco, ornamentado com rosas vermelhas, localizada justamente no centro do município potiguar de São Gonçalo do Amarante. Esse foi o disparador da curiosidade de estudantes que conviviam com o patrimônio, mas que tinham dúvidas sobre seu significado, quem o teria construído e qual o momento de sua inauguração.

Foi o desconhecimento para responderem a essas questões que motivou os jovens a darem início ao projeto "Missão Galo", ainda no início de 2018, que tem como principal objetivo resgatar a história e a cultura da cidade.

PARA COMEÇAR a investigação, os estudantes entrevistaram cerca de 100 moradores da cidade para descobrir se a ausência de informação sobre a história do município era compartilhada entre todos. Verificaram, então, não só o desconhecimento sobre o patrimônio, mas também a falta de pertencimento ao território.

Encorajados a partir dos saberes populares que coletaram, os alunos e alunas decidiram ir a fundo atrás de pistas sobre a origem da escultura. O grupo conversou com autoridades, professores e lideranças religiosas, mas foi no mercado municipal de artesanato que encontraram as respostas que buscavam sobre o galo. Descobriram que, antes mesmo de sua construção, já existiam utensílios de barro confeccionados no mesmo formato e que eram usados para o armazenamento de água. Denominados de "quartinhas", esses artesanatos ganharam as rosinhas vermelhas pelas mãos de Dona Neném, uma das artesãs mais importantes da cidade e que dá nome ao mercado.



Um jogo para valorizar a nossa história A revelação motivou ainda mais os estudantes a espalhar a descoberta: criaram um jogo de tabuleiro a partir do mapa do centro da cidade, em que os jogadores partem da escola com o desafio de chegarem à escultura do galo. No meio do caminho, os participantes devem acertar perguntas sobre a história de diversos pontos turísticos para poderem avançar.

Nomeado de "Missão Galo", o jogo ficou disponível para todos os alunos da escola durante o ano passado, mas os integrantes do projeto ainda não estavam satisfeitos. Em 2019, decidiram aprimorar sua criação: tiraram fotos de todos os patrimônios e pontos históricos e criaram um novo design para o jogo, feito não mais de papelão, mas de PVC, um material mais resistente e durável. Além disso, encomendaram novos "jogadores" de uma artesã local, que se inspirou em quatro integrantes do grupo para esculpir as quatro peças de biscuit. Além disso, criaram novas regras, que dinamizaram a partida e permitiram aos participantes decidirem diferentes caminhos até o ponto final, que continua, é claro, sendo o galo.



Nosso jogo é compartilhado

COM UMA NOUA UERSÃO, os estudantes apresentaram a criação para a Secretaria Municipal de Educação, que pretende, segundo eles, institucionalizar o jogo como ferramenta pedagógica em todas as escolas da rede pública.

Assista ao documentário do projeto

Acesse a página do projeto no Instagram Enquanto a proposta não se concretiza, o grupo continua visitando outras escolas da cidade e espalhando não só as curiosidades, mas o sentimento de pertencimento de crianças e jovens a São Gonçalo do Amarante. Além disso, os alunos e alunas produziram um curtametragem com a história do município e as etapas de produção do projeto.



Estudantes construíram um jogo de tabuleiro com o objetivo de difundir a história do município.



O grupo difundiu o jogo, denominado "Missão Galo", em diversas escolas da cidade.



O monumento é um dos principais pontos turísticos da cidade, mas sua história era pouco conhecida pelos estudantes.





realização

iniciativa

parceria institucional



